

The background is a large, abstract artwork created with thick, textured strokes of paint or pastel. It features a central, dark, swirling vortex-like shape that draws the eye inward. The colors are primarily warm, including shades of orange, red, yellow, and brown, with some cooler tones like green and blue visible at the edges. The overall effect is one of intense energy and depth.

O NINHO

UM RECADO DA RAÍZ

Um Brasil revisitado pelas memórias da cana

Como falar de ódio sem associá-lo ao ressentimento? Como recorrer ao perdão sem mirar a reconciliação e o esquecimento? Esses temas sensíveis, alvo de análises filosóficas e psicanalíticas sobre traumas históricos que assolaram o Ocidente no século 20, não passaram ao largo das representações artísticas. A própria possibilidade de representação se impôs como tentativa de reflexão, cura e não repetição.

Escavador de histórias brasileiras e afeito às questões de seu tempo, o dramaturgo e diretor teatral pernambucano Newton Moreno adentra essa seara ao encenar o espetáculo cênico-musical *O Ninho*. A dramaturgia, situada no ambiente dos engenhos de cana-de-açúcar pernambucanos, remete a uma realidade cortante: a formação de células nazistas em Pernambuco, em meados do século passado. Amparado por densa historiografia e etnografia, em colaboração fundamental com as pesquisadoras Adriana Dias (já falecida), Marcília Gama e Susan Lewis, o dramaturgo leva o espectador a perceber meandros de um fenômeno global que encontrou chão em terras brasileiras, semeando ódio e intolerância – e que persiste. Como fabular sobre história tão amarga?

Entre silêncios, rancores e violências, vê-se, de um lado, a jornada de um rapaz que parte em busca de suas origens — mesmo sabendo-se amado por sua mãe adotiva. De outro, um casal que, devido a diferenças inconciliáveis, vive um amor interditado, beirando o trágico. Com trilha original composta por Zeca Baleiro, Moreno retoma a pesquisa iniciada com os premiados *Memória da Cana* (2009) e *Terra de Santo* (2012), remontando à atmosfera da Zona da Mata Pernambucana e a sociabilidades que contribuíram para a formação étnica e cultural do Nordeste — e, por extensão, do país. Nesse contexto, também aborda a influência do patriarcado na regulação das relações e aposta no poder dos antepassados, do colo, da oralidade e da música como esteios de sobrevivência.

As premissas dessa investigação teatral que o Sesc novamente acolhe são um exercício necessário para se pensar as histórias do Brasil. Na convergência de tantas questões profundas, para as quais raramente há respostas simples, é preciso persistir sobre os desafios éticos do perdão, da verdade, da justiça e, sobretudo, do amor.

Sesc São Paulo



‘A VERDADE É UMA SEMENTE TEIMOSA’

Este **O NINHO, UM RECADO DA RAIZ** começou seu bordado durante o processo de MEMÓRIA DA CANA, espetáculo do grupo OS FOFOS ENCENAM de 2009.

Durante nosso processo de (des)construção do NINHO, investigamos os flertes com o ‘trágico’ em nossa peça, mas nossa maior ‘tragédia’ ainda nos parece ser a ignorância de nosso passado. Somos um país que privilegiou certas árvores genealógicas e desconhece outras narrativas, hierarquizando a história oficial. Este rapaz sabe que esta viagem será dolorosa, penosa, sangrenta, mas ele não tem mais como evitar a grande volta; sua/nossa obstinação trágica.

A pesquisa historiográfica nos descortinou células nazistas na zona da mata e região metropolitana do Recife na primeira metade do século passado. Não à toa, este NINHO sai da casca e se inaugura nos palcos movido pela sombra do voo das águias dos fascismos, neonazismos e violências da extrema direita ultra-conservadora que tapam o sol das nossas paisagens, com sua assustadora vizinhança. Seguimos surpreendidos com as notícias de ataques neonazistas em ações racistas, LGBTQIAP+fóbicas e de feminicídios no Brasil. Há que se discutir as raízes do ódio na sociedade brasileira. Como aprendemos a odiar, quem nos ensinou? O NINHO acusa nossa anistia e benevolência com os crimes de intolerância. E que ele resiste aos longos invernos do esquecimento. “Erva daninha geada não mata?”.

Gostamos de pensar que este NINHO é nossa cantata pacifista. Um ato de limpeza, de ‘cura’, para que possamos arar o terreno para o futuro, abrir espaço para que venha o novo mundo. Para promover uma cultura de paz. Para retomar um projeto de empatia, de comunicação não-violenta, para desistematizar a intolerância estrutural na nossa sociedade, para desmontar gabinetes de ódio, apagar ações xenofóbicas na internet e o cancelamento das ‘diferenças’.

Mas fato é que o processo de (re)construção deste NINHO nos deixou no colo uma pergunta incômoda: Como contribuímos para a manutenção da barbárie do mundo? “E isto, repito, é uma escolha”.

Este espetáculo é dedicado à memória de Adriana Abreu Magalhães Dias, pesquisadora do neonazismo no Brasil, antropóloga, feminista, antifascista e militante pelos direitos de pessoas com deficiência e doenças raras.

Agradecimentos especiais às professoras Marília Gama da Silva e Susan Lewis, cujas pesquisas alicerçam este trabalho.

Newton Moreno

Dramaturgo e diretor



O antissemitismo durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil pode ser observado através de inúmeras formas. Uma delas diz respeito às Circulares Secretas emitidas pelo Itamaraty com a finalidade de impedir a entrada de judeus que fugiam do nazismo. Baseadas em estereótipos variados, foram constituídas em um momento crucial de ataque aos judeus. Mas o que dizer da interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco? O Estado é particularmente importante uma vez que o interventor possuía relevância política significativa no país. Homem de confiança de Getúlio Vargas, veio governar Pernambuco com a missão de “doutrinar a população” e trazer a “emoção do Estado Novo”. Mas, em relação ao antissemitismo, o que teria ocorrido neste local específico de terras nordestinas durante a ditadura estadonovista? Pernambuco era ainda um grande mistério!

Ao mergulhar no assunto, um universo com particularidades incríveis e com fragmentos históricos até então inéditos se desvendaram. Foi o que ocorreu com a descoberta do “Campo de Concentração Chã de Estêvão”, instalado na atual Araçoiaba, município pernambucano. Em meio a inúmeras pastas do Arquivo Público Jordão Emerenciano, que guarda os documentos da antiga e outrora temida DOPS-PE, estavam as listas policiais que tratavam de um campo de confinamento onde ficaram presos, durante a década de 1940, os chamados à época “súditos do Eixo”. A acusação que pesava contra eles era de espionagem.

As produções documentais referentes aos alemães, italianos e japoneses foram se entremeando, assim, em nossas costuras históricas e proporcionaram tecituras mais densas e complexas. O antissemitismo presente no país tornava-se ainda mais grave, uma vez que não estava separado das ações nazifascistas que atingiam os judeus na Europa. E foi no governo Vargas que documentos diplomáticos, discursos de políticos, intelectuais e jornalistas ganhavam força e alimentavam decisões governamentais antissemitas. Este cenário se (re)produzia em Pernambuco. Por outro lado, os prisioneiros do campo de confinamento foram afastados de seu local de trabalho tendo como finalidade principal o enfraquecimento da família Lundgren e não o problema de espionagem, que muitos não estavam envolvidos.

Donos da Companhia de Tecidos Paulista (CTP), uma das principais fábricas têxteis do país durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, os “coronéis” de origem sueca desafiavam o poderio de Agamenon Magalhães no município pernambucano que fundaram e, no qual, tinham o poder de fato, Paulista. Imputar-lhes a acusação de espionagem nazista e afastar das fábricas seus funcionários estrangeiros, foi uma forma de aumentar o poder governamental. Com o fim da guerra, essas histórias foram se modificando, o campo foi extinto, as Circulares Secretas ficaram ainda mais secretas, e o tempo foi seguindo com outros atores e atrizes que cotidianamente constroem o espetáculo da vida.

Susan Lewis

Historiadora, escritora e professora doutora da UPE



Não tenha esperança. Esta é uma jornada rumo à desdita. E, no entanto, ela deve ser trilhada.

O drama como gênero está fundado na perspectiva determinista: o homem como dono de seu destino. Ainda que essa expectativa se fruste, espera-se que o herói, através do ímpeto e de suas ações, seja capaz de superar os obstáculos impostos e fornecer ao espectador um sentido último de redenção.

Na Tragédia, como se sabe, nada disso é verdade.

A narrativa trágica está calcada na noção do ser humano como estrangeiro no mundo. O absurdo da existência, da ausência de ordem, onde a melhor das intenções pode (e neste caso, certamente, irá) conduzir ao pior dos destinos.

É sobre este galho que está construído nosso Ninho.

Um pai buscando um futuro, reencontra o passado. Uma mãe buscando o amor, conhece o ódio. Um filho, buscando a raiz, encontra desterro. Seu desejo irreparável de busca - esse mesmo que no drama, promete revelar a luz - os conduz às profundezas do abismo.

Mas qual o sentido de atestar, em tempos mórbidos como os que vivemos, nossa impotência perante a queda iminente? Que haverá de sábio em atentar contra o triunfo da vontade? Para quê acordar amanhã?

A Tragédia não promete correção, mas purgação. Somente através da catarse poderemos enxergar aquilo que escapa aos olhos, mas que o cego Tíresias vê - a lucidez de Édipo em Colono, a liberdade de Prometeu Acorrentado, o Sísifo feliz.

Por isso, não tenha esperança; nenhum deles haverá de salvar-se. Mas nós... nós, talvez, sim.

Bernardo Bibancos

Diretor, dramaturgo, ator e pesquisador de tragédia

SINOPSE

O NINHO, UM RECADO DA RAIZ é uma novela cênica sobre a intolerância e o ódio em terras brasileiras, no canavial nordestino. Um jovem em busca de sua origem, obstinado e incansável, enfrenta a jornada até sua verdade, sua primeira família. Raízes sangrando, tradições perdidas. Ele é alertado dos perigos que se anunciam, mas ele persevera até entender que a descoberta de si é sempre dolorosa. A busca pela sua identidade reflete nossa busca do DNA de um país, que se sabe pouco. Que não teve acesso a todos os 'álbuns de família', de uma formação torta e esquecida.



FICHA TÉCNICA

Elenco: Badu Morais, Kátia Daher, Rebeca Jamir, Jorge de Paula, Paulo de Pontes e Tay Lopez

Músicos: André Bedurê e Pablo Moura

Texto e Direção: Newton Moreno

Assistente de Direção: Almir Martines

Dramaturgista: Bernardo Bibancos

Produção: Rodrigo Velloni

Produção Executiva: Swan Prado

Trilha Sonora Original: Zeca Baleiro

Direção Musical: André Bedurê e Zeca Baleiro

As músicas “Vento no canavial” e “Recado da Raiz” foram escritas por Zeca Baleiro e Newton Moreno

A música “Corifeia” foi escrita por Zeca Baleiro, André Bedurê e Newton Moreno

A música “Ladainha” foi escrita por Rebeca Jamir

Preparação Vocal e Arranjos Vocais:

Rebeca Jamir

Preparação dos Atores e

Direção de Movimento: Erica Rodrigues

Cenografia: Andre Cortez

Assistente de Cenografia: Camila Refinetti

Cenotécnico: Wanderley Wagner

Serralheria: Fernando Zimolo

Adereços: Zé Valdir

Figurinos: Fábio Namatame

Assistente: Lari Andrade

Modelagem: Juliano Lopes

Modelagem e Costura: Lenilda Moura

Costura: Fernando Reinert, Maria Jose Castro e Judite Gerônimo

Adereços: Antônio Ocelio de Sá



Iluminação: Equipe A2 | Lighting Design

Desenho de Luz: Wagner Pinto

Produção de Luz: Carina Tavares

Assistente de Iluminação: Gabriel Greghi

Operação de Luz: Gabriela Cezario

Consultoria Sonora:

Radar Sound | André Omote

Omote Operação de Som: Nayara Konno

Palestrante e Historiadora: Susan Lewis

Consultoria e Tradução do Alemão:

Evaldo Mocarzel

Consultoria de Hebraico: Elaine Kauffman

e Yara Azoubel

Diretor de Palco: Jones Souza

Contraregra e Camareiro: Eduardo Portella

Camareira: Luciana Galvão

Designer Gráfico e Ilustrações:

Ricardo Cammarota

Fotos: Ronaldo Gutierrez

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Captção, Edição e Mídias Sociais: GaTú Filmes

Gestão Financeira: Vanessa Velloni

Consultoria Jurídica: Martha Macruz de Sá

Administração: Velloni Produções Artísticas

AGRADECIMENTOS: Local do ensaio: “Turma do Bem”, Alberto Brigadeiro, Amanda Monteiro, Bel Gomes, Denise Weinberg, Fabio Bibancos, Germano Haiut, Leopoldo Pacheco, Márcia S. Saldeado, Marília Gama, Michele Boesche e Osvaldo Saldeado.

O NINHO, UM RECADO DA RAIZ

15/3 a 21/4/2024*

Sextas e Sábados, 20h

Domingos, 18h

19/4 Sexta, 15h

*exceto dia 29/3

Sessões com acessibilidade

13/4 Audiodescrição **AD** 

14/4 Intérprete de Libras 

Teatro

16

Duração: 90 min

Dispomos de serviço de van gratuito


Sesc Bom Retiro

Al. Northmann, 185

01216-000/São Paulo/SP

 Luz/Tiradentes

(11) 3332 3600

   /sescbomretiro

sescsp.org.br

